

## Os deslocamentos identitários em *Hanói*, de Adriana Lisboa

\*Diego Luiz Miiller Fascina  
\*\* Wilma dos Santos Coqueiro

### RESUMO

Uma das propostas mais recorrentes da literatura contemporânea é a de narrar um mundo em trânsito que incide na proliferação de identidades móveis e híbridas, o que é uma característica pungente do mundo globalizado. Os romances de autoras, tais como Adriana Lisboa, ao colocar em cena personagens imigrantes – legais e ilegais –, exilados, expatriados e refugiados, representam esse espaço desterritorializado, no qual a viagem aparece, não raras vezes, como experiência formadora. Assim, o objetivo desse artigo é fazer uma reflexão a respeito dos deslocamentos espaciais e identitários pós-modernos, a partir da análise do romance *Hanói*, da autora já citada.

### PALAVRAS-CHAVE

Literatura de autoria feminina contemporânea; Adriana Lisboa; Espaço desterritorializado; Viagem; Personagens deslocados.

### ABSTRACT

One of the most recurring proposals in contemporary literature is to narrate a world in transit that focuses on the proliferation of mobile and hybrid identities, what is a pungent characteristic of the globalized world. Novels written by woman writers such as Adriana Lisboa, putting in scene characters who are immigrants – legal and illegal –, exiled, expatriate and refugee, represent such deterritorialized space, in which travel appears, not infrequently, as a building experience. Thus, this article aims at proposing a reflection about post-modern identity and space displacements, based on the analysis of the novel *Hanói*, by the writer cited above.

### KEYWORDS

Contemporary literature written by women; Adriana Lisboa; Deterritorialized space; Travel; Displaced characters.

\*Doutorando em Letras (Estudos Literários), pela Universidade Estadual de Maringá – UEM/PR.

\*\* Doutora em Letras (Estudos Literários), pela Universidade Estadual de Maringá – UEM/PR. Docente do Colegiado de Letras da Unespar/campus de Campo Mourão. Coordenadora do Curso de Letras da Unespar/campus de Campo Mourão

## **Introdução**

A ficção brasileira do século XX apresenta como uma de suas mais marcantes temáticas a imigração, sobretudo a de europeus para o Brasil, com o objetivo de “fazerem a América”, como podemos observar em romances como *Canaã* (1902), de Graça Aranha, *A República dos Sonhos* (1984), de Nélide Piñon, *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro e *Relato de um certo oriente* (1989), de Milton Hatoum, entre outros.

A Globalização, como afirma Stuart Hall (2003), que não é um fenômeno recente, uma vez que suas origens estão fincadas na era das grandes explorações e conquistas de territórios americanos pelos europeus, formando, assim, mercados capitalistas mundiais, de certo modo, alterou, nas últimas décadas, as configurações espaciais ao colocar em foco um movimento inverso de imigração de indivíduos de países de Terceiro Mundo para as grandes metrópoles mundiais.

Reforçando a intrínseca relação entre literatura e sociedade, discutida por Antonio Candido (2000), a questão do deslocamento espacial tem aparecido de forma bastante recorrente na literatura contemporânea e, como é o caso do objeto desse artigo, na ficção de autoria feminina. Maria Zilda Ferreira Cury (2007) aborda esse “feitio movente” da produção literária atual ao enfatizar que a ficção brasileira contemporânea tem raízes em solo urbano, com a feição performática assumida pelo espaço da cidade. Para ela, esses romances, com narradores “condenados ao movimento vertiginoso”, opõem-se ao ideal de busca de uma identidade nacional, que marcou por um longo tempo as produções literárias e culturais brasileiras, uma vez que expressam “um espaço de desterritorialização, longínquo, entranhado e distante, espaço de busca identitária de narradores em crise” (CURY, 2007, p. 13).

Edward Said (2003) afirma que “poetas e escritores exilados conferem dignidade a uma condição criada para negar a dignidade – e a identidade das pessoas” (SAID, 2003, p.48). Chiarelli (2007) ressalta que, nas últimas décadas, a emergência das produções culturais das minorias étnicas, raciais e sexuais, despertou o interesse pela

representação do estrangeiro que “transforma-se em tema, torna-se alvo de debates e polêmicas contemporâneas” (CHIARELLI, 2007, p.24).

Embora Said (2003) considere qualquer pessoa impedida de voltar para casa como um exilado, ele estabelece distinções relevantes sobre essas categorias de pessoas que vivem fora de seus lugares de origem. O exílio origina-se na antiga prática do banimento. Assim, o exilado carrega o estigma de forasteiro e é marcado por uma existência solitária e infeliz. O imigrante, seja por motivos sociais e/ou econômicos, teve a possibilidade de escolha, por isso vive uma situação um tanto quanto ambígua. Os expatriados, como é o caso de muitos escritores como os americanos Ernest Hemingway e Scott Fitzgerald, que viveram muitos anos em Paris, e o português José Saramago, que viveu autoexilado os últimos anos de sua vida nas Ilhas Canárias, moram voluntariamente em outro país, geralmente por razões pessoais. Já os refugiados formam uma categoria política, criada no século XX, que consiste em um grande agrupamento de pessoas, vítimas de guerras ou perseguições étnicas, que necessitam de ajuda internacional.

Adriana Lisboa, escritora contemporânea premiada e elogiada pela crítica, com obras traduzidas e publicadas em vários países como Portugal, Inglaterra, Alemanha, Itália, França, Romênia, Sérvia, Estados Unidos, México, Argentina e Egito, e que mora há sete anos no estado do Colorado, nos Estados Unidos da América, já confessou em várias entrevistas que sua experiência de imigrante tem contribuído na criação de personagens que, nos seus três últimos romances – *Rakushisha* (2007), *Azul-corvo* (2010) e *Hanói* (2013) –, têm aparecido de diversas formas, ou seja, como imigrantes legais e ilegais, exilados, expatriados e refugiados. Esses romances apresentam como núcleo temático a viagem a outro país, bem como diferentes desdobramentos culturais e identitários: Haruki e Celina ao Japão, em *Rakushisha*; Vanja e Fernando, de *Azul-corvo*, em perspectivas diferentes, a Denver, no Colorado; e Alex a Hanói, ao final do romance *Hanói*.

Nesse sentido, suas obras diferenciam das de muitos escritores contemporâneos ao abordar o deslocamento espacial nem sempre de forma negativa. Lisboa afirmou em

entrevista a Luciano Trigo (2013), que a viagem tira o indivíduo de sua zona de conforto e propicia experiências que, de algum modo, são formadoras. Por meio da deambulação, as personagens acabam por fazer descobertas sobre o mundo e si mesmas que, talvez, em outra situação não seriam capazes de fazer. Por essa razão, Cury (2012), afirma que Adriana Lisboa tem um olhar mais universal e móvel para o que chama de nacionalidade.

### **Deslocamentos identitários espaciais em *Hanói***

É o que ocorre em *Hanói*, seu último romance: David, filho de pai brasileiro e imigrante já falecido e mãe mexicana, mora em Chicago e trabalha como vendedor de uma loja de material de construção. Aos 32 anos, se descobre portador de um câncer terminal, que lhe permite apenas uma sobrevida de poucos meses. É quando conhece e se identifica com Alex, uma jovem americana, mãe solteira, que tenta conciliar trabalho, maternidade e estudo. Por meio dessa personagem, Lisboa resgata o drama dos refugiados e dos imigrantes ilegais.

Em *Hanói*, Adriana Lisboa aborda a questão da diáspora de uma maneira bem ampla, cuja busca por pertencimento incide na configuração das trajetórias individuais das personagens. De acordo com Hall, de forma geral, na “situação da diáspora, as identidades tornam-se múltiplas” (HALL, 2003, p. 72), pois ocorre uma ruptura entre os elos naturais pela experiência do deslocamento. Ainda segundo esse autor, as principais causas do deslocamento são a pobreza, o subdesenvolvimento e a falta de oportunidades, construindo, assim, “uma fronteira de exclusão do outro” (HALL, 2003, p. 36). O romance representa vários personagens diaspóricos que vivenciam essa linha de exclusão mencionada por Hall.

Luiz, o pai brasileiro de David, representa essa categoria dos imigrantes ilegais latinos que chegam aos Estados Unidos com o objetivo de ganhar algum dinheiro e voltar ao país de origem. Afinal, “a terra do tio Sam era uma terra de possibilidades. Em dólares” (LISBOA, 2013a, p.102). Como não tem as qualificações necessárias para

empregos bem remunerados nem dominam a língua do país, acabam por viver em subempregos que não permitem a volta ao local de origem tampouco integração cultural ao novo país. Devido a isso é que “décadas passadas, estavam por ali na construção civil, tomando conta de crianças, fazendo faxina, entregas em domicílio” (LISBOA, 2013a, p. 103). À imitação da realidade, *Hanoi* mostra que a saída de imigrantes brasileiros, como Luiz, oriundo da cidade mineira Capitão de Andrade, ocorreu de forma acentuada em finais da década de 70, devido à situação de subdesenvolvimento do país. Assim como tantos outros brasileiros, cujas opções de entrada nos Estados Unidos se resumiam no uso de passaporte falso, visto de turista ou via México, a Luiz coube a última opção depois de falhar nas duas primeiras, que era a mais arriscada: “Luiz tinha tentado o visto turístico quatro vezes, sem sucesso, antes de apelar para os mexicanos – entrar pela fronteira com México custava mais que o dobro pelas vias formais e era bastante arriscado, mas foi o jeito” (LISBOA, 2013a, p. 134).

Após algum tempo em Chicago, ele conhece, em um ônibus, um dos arquétipos do não- lugar da pós-modernidade, segundo Augé (2005)<sup>66</sup>, Guadalupe, a linda mexicana que era *baby sitter*, com quem se casa e tem o filho, David. Luiz e Guadalupe, que vivem ilegalmente no país até morrer e, por isso, jamais voltam aos países de origem para rever os parentes, são personagens deslocadas, marcadas pelo exílio cultural. Nesse ponto, é relevante o fato de que a língua portuguesa do pai acabar por se impor como língua oficial na casa de David, convivendo com a língua espanhola da mãe e a língua inglesa oficial do país. Ortiz (2000) salienta que a cultura mundializada impõe um padrão civilizatório, fazendo com que o espaço torne-se transglóssico, com a convivência e interação, por vezes conflitiva, de diferentes línguas e culturas.

---

<sup>66</sup> O antropólogo e etnógrafo francês Marc Augé, na obra *Não-lugares*, afirma que a supermodernidade, termo com o qual ele define a época contemporânea, devido aos efeitos da globalização, tem produzido não-lugares e identidades fragmentadas. Segundo Augé (2005), os não-lugares são destituídos de sentido, não se constituindo como um lugar identitário, relacional e histórico. Dessa forma, os não-lugares são espaços transitórios, provisórios e de passagem, tais como: autoestradas, centro comerciais, um quarto de hotel, um aeroporto ou um supermercado.

Esse deslocamento espacial acaba por interferir na identidade das personagens. Guadalupe torna-se cada vez mais ausente da família e, embora, textualmente isso seja apenas sugerido, desenvolve uma doença que a afastará do marido e do filho ainda pequeno, causando uma mágoa que David levará até o fim: “Em um dado momento da vida, Guadalupe desistiu de Luiz e de David, e saiu em busca de alguma coisa que nunca ficou cem por cento clara” (LISBOA, 2013a, p. 100).

David, nascido nos Estados Unidos, fruto dessa mistura cultural latina, incorpora elementos das culturas de origem, assumindo assume uma identidade híbrida: o americano de origens latinas. Nessa perspectiva, sua identidade plural faz com que ele se integre à cultura dominante, pertencendo assim, ao que Hall (2003) denomina de “movimento transacional”, cujas conexões são múltiplas e laterais.

De forma absolutamente diversa, Trung, Lihn e Huong integram o grupo dos refugiados, vítimas da Guerra Americana no Vietnã. Para a construção desses personagens deslocados. Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, ao lado do Vietnã do Sul e com o envio de muitos soldados para lutarem contra os nacionalistas comunistas do norte, esses soldados acabaram se envolvendo com mulheres vietnamitas e gerando crianças, que, após a guerra, devido à onda antiamericana no país, tornaram-se párias sociais, com direitos humanos básicos (como até mesmo o de frequentar as escolas) negados.

Depois da guerra, muitos órfãos foram colocados para adoção e as pessoas os escolhiam como se fossem produtos expostos em uma feira. As escolhas aconteciam de forma gradativa que ia dos vietnamitas saudáveis e puros, passando pelos filhos de soldados americanos brancos e os vietnamitas feios e doentes, até chegar aos mestiços filhos de americanos negros. Huong, filha de Lihn com um americano que servira em uma base no norte e a abandonara antes do final da guerra, não era órfã, mas sofreu devido ao fato de ter sido discriminada em seu próprio país: “Huong não era órfã de guerra. Dizia com orgulho que não havia sido abandonada por sua mãe – não ela. Não ela” (LISBOA, 2013a, p. 20).

A partir dos anos 90, os Estados Unidos receberam essas pessoas, buscando integrá-las à sociedade e lhes conferindo a cidadania que lhes era negada em seu próprio país, uma vez que eram conhecidas no Vietnã como “*bui doi*”, o “pó da vida”. Contudo, a maioria delas não tinha qualificações nem dominava o idioma, continuando sem encontrar seu espaço no mundo. Conforme ressaltado no trecho: “em *Hanói* aparecem os refugiados, essa gente tão violentamente desenraizada, que às vezes passa décadas vivendo em condições precárias em campos de refugiados até ser aceita por um novo país onde continuará, em muitos casos, fora do lugar e do eixo” (LISBOA, 2013b, s.p.).

Com efeito, nos Estados Unidos, elas continuariam falando vietnamita entre elas, tentando, assim como o pai de David, manter alguma coisa de sua cultura de origem. Lihn, nunca mais veria o americano por quem se apaixonara na juventude. Ela, que vivera em *Hanói* na infância, setenta anos antes, quando ainda havia a Indochina, mudara-se para o norte, onde conhecera o americano que revirara sua vida ao avesso. Mas *Hanói* continuaria em sua lembrança como uma memória inventada, como tantas outras, que é preciso imaginar para manter-se vivo. É isso o que observa Alex ao afirmar que “Linh amava *Hanói*, ainda que não soubesse o que era *Hanói*” (LISBOA, 2013a, p. 181).

Trung, o ex-monge budista que viu seu templo e seu mundo queimarem com a devastação da guerra, passou por um campo de reeducação e chegou a América para ser dono de um pequeno mercado que vendia produtos orientais, onde Alex trabalhava. Também convivia com as memórias de um país natal destruído, do barco que o levara para longe, do campo de refugiados da Malásia, expressando, assim, seu constante deslocamento.

Não há vencedores nem perdedores numa guerra, era o que Trung havia dito a Alex, em longas conversas no banco diante do parquinho, nos arredores do prédio onde anos antes ele e a família dela eram vizinhos. Na guerra, todos perdem, todos esgarçam sua humanidade para que a ideia de uma violência extrema caiba ali, e depois o que fazer com os trapos? Depois os trapos grudam na sua pele, como se fizessem parte dela. Como se de fato uma chuva de napalm tivesse

caído sobre você. E se você não morre, nunca mais terá como tirar a guerra da própria pele” (LISBOA, 2013, p. 46).

O fato de se naturalizarem americanas, após uma prova básica de inglês, não confere a Lihn e Huong, automaticamente, uma cidadania que lhes fora negada no país de origem uma vez que o desenraizamento cultural torna-se cada vez mais pungente no novo país, mesmo que tenham, ao longo de uma trajetória de perdas irrecuperáveis, desenvolvido a *resiliência*, que seria “a capacidade de um copo de recobrar sua forma original após o choque ou deformação” (LISBOA, 2013a, p. 17).

Alex considerava que a sua mãe e sua avó, que vinham de um país rural, não tinham mais as almas “grudadas ao corpo”. Por isso, a cidade de Chicago com seu ritmo e barulho de grande metrópole torna-se insuportável e elas acabam por deslocar-se para uma cidade pequena, de pouco mais de quinze mil habitantes. A mudança coloca em relevo esse exílio cíclico e contínuo, uma vez que Huong, marcada pelo hibridismo desde o nascimento, era “uma expatriada desde o berço, uma expatriada para sempre. Um resto de qualquer coisa, jornal, sacola de plástico, que vai sendo levada por aí com o vento, sem muito propósito” (LISBOA, 2013a, p. 181).

Nesse mundo em trânsito, representado na obra, marcado por deslocamentos constantes e migrações tanto externas quanto internas, o qual Alex considera como “um lugar para lá de inóspito” (LISBOA, 2013a, p. 93), o que lembra a afirmação de Berman de que as pessoas nômades “vivenciam a realidade irreal da cidade moderna” (BERMAN, 2007, p. 355), a viagem torna-se um elemento central na configuração identitária das personagens.

Como é muito comum nos romances contemporâneos, os encontros afetivos e a construção de laços de afeto são bastante improváveis. Tanto David quanto Alex vivenciaram experiências amorosas efêmeras e frustrantes. E justamente quando David é diagnosticado com um câncer terminal que o mais improvável acontece: seu caminho cruza com o de Alex, em um mercado asiático onde ela trabalhava, mais um Não-lugar na concepção de Augé (2005), e os dois podem vivenciar uma relação afetiva feliz,



apesar da falta de perspectiva em longo prazo, levando Alex a refletir que “muitas histórias de amor são cheias de promessas e perspectivas. Várias não são. Alex pensou nisso ou em algo parecido, e pensou também dane-se. Dane-se” (LISBOA, 2013a, p. 173).

Nesse ponto, é relevante considerar que a escritora trata da questão da morte com leveza e sobriedade, sem cair nos lugares comuns de narrativas sobre o tema. Ao saber de sua doença terminal, o próprio comportamento de David, que não tem nenhuma atitude desesperada, pois o mundo continuaria a existir sem ele, faz com que ele aproveite o que os poucos meses de vida tem a lhe oferecer: como comer pizza com a garota que conhecera e seu filho, tocar seu trompete com um morador de rua, observar a alegria do vizinho ao dar-lhe seu aquário de presente ou ensinar a criança do prédio a tocar trompete para poder integrar a banda da escola. Essa consciência de que fazemos parte de um universo, que continua a existir após nossa partida, é fundamental para que David possa aceitar a ideia de morte sem os clássicos questionamentos existenciais que geralmente ocorrem nesses casos:

Estava determinado a não se comportar como o doente clássico, aquele que se faz as mais ridículas perguntas – mas por que logo eu? Mas por que justo agora? Etc. (LISBOA, 2013a, p. 69)

A engrenagem do mundo, rodando como sempre, parafusos, porcas, molas. A ex-namorada de David reatando com o ex-noivo. Eventos se sucedendo a eventos, coisas sendo e deixando de ser, coisas começando a ser e continuando a ser, tudo funcionando mesmo quando parecia que não. (LISBOA, 2013a, p. 100).

Com efeito, é diante da perspectiva da morte – que se configura simbolicamente e espiritualmente como uma grande viagem – que ocorre a David a ideia de uma viagem. Enquanto observa o médico que, ao lhe dar a notícia do diagnóstico, manipula indiferentemente um elefante de pedra verde, ele se lembra de que uma vez lera que os elefantes doentes abandonavam a manada para morrerem sozinhos. Como os elefantes, David também deseja que esse encontro com o desconhecido que é a morte seja de

forma solitária. É Alex que, ao ser indagada sobre um lugar que gostaria de conhecer, involuntariamente lhe acena com a ideia de Hanói, cidade de sua avó.

Talvez a cidade que ela havia mencionado sem pensar duas vezes fosse agora muito importante para ele, justamente por todo o significado que não tinha. Isso de partir rumo ao desconhecido, meio página em branco, meio roleta-russa. (LISBOA, 2013a, p. 169).  
Será que em Hanói, um lugar tão estrangeiro para ele, a morte ficaria detida na fronteira? Será que tudo ali seria tão diferente e novo que ele também poderia ser diferente e novo, recomeçar, ressuscitar no terceiro dia? (LISBOA, 2013a, p. 194).

A viagem, ao longo da história literária, é retratada em obras clássicas – *A Eneida* (séc. I a.C.), *Os Lusíadas* (1572) e *A volta ao mundo em oitenta dias* (1873), entre outras – com um sentido de aventura, corroborando a afirmação de Ianni de que “a história dos povos está atravessada pela viagem, como realidade ou como metáfora” (IANNI, 2003, p.13). Contudo, na contemporaneidade, essa temática deixou de ter o significado predominante de aventura, passando a configurar como impressões. Em muitas obras literárias, há os personagens *flâneurs*<sup>67</sup>, que vivenciam a solidão nas grandes metrópoles urbanas, no movimento de observar as ruas e seus passantes, buscando uma integração improvável com o espaço no qual está inserido. É isso o que observa Ianni (2000), ao afirmar que aquele que viaja parece ter em si um eu-nômade que o leva a busca de outras culturas.

Para David, o sentido da viagem, além da busca do desconhecido, que é a morte metaforizada em um local estranho e longínquo, tem o sentido da busca do aprender *in loco*, ou seja, por meio das impressões captadas pelos sentidos, em especial o da visão,

---

<sup>67</sup> A imagem do *flâneur* surgiu no conto “O homem na multidão”, escrito em 1840, por Edgar Allan Poe, por meio das figuras do narrador-protagonista que observa o fluxo metropolitano de Londres e do velho, personagem observado pelo narrador, que está sempre em busca da multidão. Charles Baudelaire foi quem identificou os personagens de Poe como *flâneurs*, ou seja, personagens em trânsito nas grandes cidades. De acordo com Baudelaire, “para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso jubilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidío e no infinito” (BAUDELAIRE, 2006, p. 857). A narrativa de feição contemporânea e cosmopolita, ao representar as grandes cidades com seus personagens desterritorializados, coloca em cena o *flâneur* contemporâneo em contínuo movimento.

compondo a imagem do *flâneur* contemporâneo, afinal “seria uma pessoa mínima e sem chão, uma pessoa em trânsito” (LISBOA, 2013a, p. 222). É assim que, ao desejar Bruno e Alex em sua viagem, ele usa o verbo “ver” para caracterizar a apreensão dessa realidade “multicolorida, multifacetada, frequentemente absurda, às vezes violenta, não raro plácida” (LISBOA, 2013a, p. 222) que compõe esse mundo em contínuo movimento.

Se a Trung, Lihn e Huong não foi possível à viagem à terra natal e uma revisitação a Hanói, ainda que imaginária, que traziam na lembrança, e nem a David que rapidamente definha e perde a noção das coisas, é Alex, seu filho Bruno e Max, o pai do filho, que empreendem, ao final, a viagem à cidade, em um encontro com suas raízes.

Alex, em uma espécie de *flanerie* contemporânea, observa os turistas de pele clara e que “pareciam perdidos em meio de uma floresta” (LISBOA, 2013a, p. 230), tentando “atribuir sentido àquilo que viam e que não fazia sentido” (LISBOA, 2013a, p. 230), o comércio da cidade e a infinidade de motos nas ruas. De certo modo, ao lado da sensação inquietante do estranhamento em uma cidade que existia na memória inventada da avó e nos sonhos de David, Alex busca uma comunhão com a cidade, pois ao descobri-la e apreendê-la, estaria reencontrando de certa forma com David.

Ao voltar para o hotel, Alex se despediu de David. Aquele passeio sozinho, na primeira manhã, era um passeio que tinha feito por ele e, num certo sentido, com ele também. Levava sua companhia na memória, no fato de que se estava em Hanói era por causa dele. Queria, por assim dizer, mostrar-lhe um pouco da cidade, antes de se familiarizar com ela. Como se estivessem descobrindo juntos. Como se estivessem compartilhando o primeiro olhar, aquele que ainda é pura expectativa, pura curiosidade” (LISBOA, 2013a, p. 234)

### **Considerações finais**

A viagem, dessa forma, configura-se como essa experiência de estranhamento e de deslocamento espacial e identitário, colocando em cena identidades híbridas e

plurais, mas permitindo a reconfiguração do olhar na descoberta do “Outro” e de si mesma. De acordo com Ianni (2000), nas viagens, paradoxalmente, há sempre perdas e ganhos, fazendo com que nenhum indivíduo saia ileso da viagem, uma vez que “no curso da viagem há sempre alguma transfiguração de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa” (IANNI, 2000, p. 31). Com efeito, é o que se verifica no modo como a viagem para Hanói reaproxima Max e Bruno, que nunca tinham se dado as mãos como pai e filho e na maneira como eles integram o fluxo de visitantes de tantas partes do mundo. As linhas finais do romance apontam, ainda que de forma sutil, para a reconfiguração das identidades deslocadas das personagens, na qual a errância “dá ênfase a vida em seu perpétuo recomeço: uma vida e sempre outra vez antiga e atual” (MAFFESOLI, 2001, p. 107), quando Alex reflete sobre a experiência formadora da viagem ao concluir que “alguma coisa ficaria. Um traço dentro deles, algo que ia deslocar um pouco para dar lugar à memória dos dias ali. Algo que nada tinha a ver com centenas de foto, com suvenires baratos, com aventuras a serem narradas aos amigos e familiares” (LISBOA, 2013a, p. 230).

## REFERÊNCIAS

- AUGÉ, M. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2005.
- BAUDELAIRE, C. O pintor da vida moderna. In: \_\_\_\_\_. *Prosa e Poesia*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

HALL, S. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Organização Liv Sovic. Tradução Adelaide La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy; Claudia Álvares; Francisca Rüdiger; Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário dos Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Tradução Vera da Costa e Silva. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CHIARELLI, S. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007.

CURY, M. Z. F. Novas Geografias Literárias. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre, n.4, 2007, p. 07-17.

CURY, M. Z. F. *Cartografias literárias: Tsubame, de Aki Shimazaki, e Rakushisha, de Adriana Lisboa*. Lisboa. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/interfaces/article/viewFile/436/304>, Acesso em: 18 de jul. 2014.

IANNI, O. A metáfora da viagem. In: \_\_\_\_\_. *Enigmas da modernidade-mundo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LISBOA, A. *Hanói*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013a.

LISBOA, A. Em “Hanói”, Adriana Lisboa retrata personagens fora do lugar. Entrevista a Luciano Trigo. *Globo*, Rio de Janeiro, 02 de jun. de 2013b. Disponível em: [g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2013/06/02/1522/](http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2013/06/02/1522/), Acesso em: 18 de jul. 2014.

MAFFESOLI, M. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ORTIZ, R. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. 2.ed. ampl. São Paulo: Olho D'Água, 2000.

SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



Kalíope. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP.  
ISSN 1808-6977, v. 12 n. 23 – 2016